



ContraNatura

tornamos reais as tuas fantasias

Erotismo Queirosiano: a construção ideológica e simbólica no discurso não-ficcional

Ana Luísa Vilela
Universidade de Évora (Portugal)

1. Da vasta publicação não-ficcional de Eça de Queirós pode emergir, dialogando com a obra romanesca, a construção simbólica de um imaginário erótico. Essa construção é veiculada pela abordagem de uma série temática, de motivação fortemente afectiva, que pode constituir um conglomerado de motivos e uma enunciação de princípios valorativos que terão um elevado poder estruturante, tanto na ficção como no discurso não-ficcional.

Constituíram o material de análise os textos deliberadamente não ficcionais publicados na Imprensa, como as crónicas jornalísticas ou os prefácios, ou os textos não publicados pelo autor, como as cartas, recolhidas e publicadas sem a sua presença. Se a motivação jornalística é real em grande parte dos textos, o certo é que, na sua ampla diversidade, todos os textos analisados possuem uma mesma e singular condição de enunciação: a do lugar de mediação e interferência entre as instâncias disjuntas do homem e do autor, do escritor e do leitor. O registo não-ficcional queirosiano traduz, pois, nos seus diferentes modos, o fluente devir de uma subjectividade enunciativa, profunda e ostensivamente comprometida.

Assim, a fixação e encadeamento de uma simbólica do eros nestes textos, que actualizam as transformações figurativas e retóricas da subjectividade, poderá mostrá-los, igualmente, como uma reorganização sintagmática de estados de alma - a tradução movente da competência passional de um sujeito enunciador.

Também por isso, a análise destes textos integra uma geral indagação do processo queirosiano de enunciar o desejo.

2. Deste vasto conjunto textual, destacam-se, desde a década de 67, pela sua recorrência e global coerência, dois conjuntos temáticos cuja unicidade simbólica tentarei elucidar: a representação da figura feminina, caracterizada por uma saturação mítica e por uma central dissociação; e a representação da decadência, caracterizada pela perda de um sentido original, pela perturbação de uma ordem e pela aniquilação do vigor consciente. Ambos os conjuntos mantêm cingidas relações entre si e com a crítica literária e social; a desordem feminina e a decadência são as figuras em que, de forma sistemática, se encarna o investimento dos valores, quer estéticos, quer ideológicos.

A quase totalidade da produção não-ficcional de Eça de Queirós, no início da sua actividade literária, materializou-se na sua colaboração n' O Distrito de Évora, jornal de que foi, entre Janeiro e Agosto de 1867, director e principal redactor. Da variada temática desta sua extensa colaboração avulta, e talvez

predomine, o discurso do moralismo social, em que é insistente a referência reprobatória à prostituição e à obscenidade.

Integram a preocupação morigeradora três outros veios temáticos: a representação sarcástica das mulheres, a crítica à decadência literária e a rejeição da "vida moderna". De facto, este último constitui o tema englobante e como que explicativo, contextual. Assim, prevalece desde logo uma aguda consciência da decadência que caracteriza o tempo presente. A leitura de Cheiros de Paris, de Louis Veuillot (simultânea aliás à de Taine e à de Victor Hugo) é talvez o ponto de partida factual para a sistemática representação da



ContraNatura

tornamos reais as tuas fantasias

actualidade cultural como uma época crepuscular e degenerescente.

Já presentes nesta época, a artificialidade da cultura urbana e o seu afastamento em relação à Natureza consubstanciam, neste momento, uma fusão curiosa de reflexões e leituras: o romantismo de Heine e Hugo, o áspero e apocalíptico catolicismo de Veuillot, o sentimento de indigenato e a aguda observação de Taine em *Voyage en Italie*. Será particularmente marcante a imagem de Paris, tipificação da vertiginosa e decadente cidade-civilização, à qual se opõe a doce, indolente e voluptuosa vida meridional. Assim, a representação de Lisboa recupera traços da vã agitação do Paris de Veuillot e traços da preguiça da Nápoles de Taine.

A crítica literária constitui outro domínio íntimo e explicitamente associado ao moralismo social. Um mesmo quadro da decadência, de que a literatura é um dos mais efectivos sintomas, integra tanto a banal e amaneirada literatura romântica (CDE I:237) como a literatura “exclusivamente retórica” de Mallarmé, de Baudelaire, Leconte de l’Isle, Catulle Mendès.

O sexo mercantil, a emancipação feminina, a desagregação dos valores matrimoniais (“amor livre”), o rebuscamento formal e a consagração literária da paixão ilícita constituem pois, desde 1867, motivos da representação da decadência, integrando uma série simbólica caracterizada pela inversão e artificialidade: isto é, pela perda. Inquieto e ressentido, o discurso da perda processa duas noções básicas: a noção de que o curso da História está inflectido por uma falsificação, uma perversão irremediável; e a noção da aproximação assintótica de uma catástrofe - que está sempre iminente, mas nunca mais chega: “Hoje em quase toda a Europa se dá o mesmo: na véspera de grandes factos sociais, de terríveis transformações, por toda a parte, na França, na Espanha, na Inglaterra, em Portugal, a literatura decai.” (sublinhados meus)

Enquanto a desejada catástrofe não chega - e Eça encenou, por várias maneiras, a sua chegada - a representação do presente enquanto véspera da catástrofe caracteriza-se pelas figuras da estagnação e do torpor que, sempre de uma forma ou de outra associado à languidez e à lascívia, atravessando como um leit-motiv toda a ficção queirosiana, está no Distrito de Évora já plenamente configurada.

A reflexão sobre esse vazio interior abre de resto caminho à representação deliciada da influência do clima meridional - a qual, muito provavelmente, terá encontrado uma impressiva sugestão em Taine e nas suas descrições da indolência sensual dos lazzaroni napolitanos.

Finalmente, a representação queirosiana do erotismo integra ainda, neste período, associados a esta componente lírica e intimamente aliados a uma latente misoginia, dois outros campos de imagens: a representação idealizada da mulher e a apologia do amor natural. A sobrecarga simbólica da figura feminina acentua-se com a introdução, nos textos deste período, da fantasia erótica, inspirada quer pela mitologia germânica quer pela etnografia do Sul. Todo um sincretismo de figuras encantatórias e clandestinas incorpora subitamente a evocação saudosa de uma noite alentejana de S. João. São seres luminosos e etéreos, de beijos vampíricos, provocam encantamentos, delícias e mortes.

Fulcro da tematização de um universo decadente, o erotismo - de cuja essencial desordem são sinais a prostituição, os audaciosos costumes femininos, a literatura da paixão, a ociosidade, a voluptuosidade aérea e luminosa - invoca insidiosamente a catástrofe. Uma catástrofe perversamente desejada como um beijo mortífero.

Entre a abjecção da obscenidade e a sedução da fantasia, estrutura-se afinal, nestes textos do primeiro



ContraNatura

tornamos reais as tuas fantasias

Eça, um discurso ideológico-erótico cujas raízes, profundamente afectivas, denunciam uma ambiguidade essencial: a ambiguidade constitutiva da figura feminina. A mulher queirosiana de 1867 é um ser irresistível e repulsivo: absolutamente romântico. O incessante processo que Eça lhe moverá será a resposta a uma intuição básica - a de que o desejo fluidifica e desvanece as fronteiras entre a realidade e a fantasia.

3. Os folhetins d' As Farpas (1871-72), que Eça depois reuniu em Uma Campanha Alegre, fornecem uma explícita síntese daquilo que podemos considerar a fase seguinte da ideologia erótica queirosiana, precisando e aprofundando noções que já vinham de 1867, e sobretudo reformulando-as no interior do paradigma que constituiu sempre para Eça a referência axial mais segura - a moral proudhoniana.

As características fundamentais do “erotismo positivista” queirosiano - o discurso que, repitamo-lo, articulou a sua reflexão de forma mais estruturada e mais consistentemente formulada em termos ideológicos - cifram-se no desenvolvimento de duas noções nucleares que já conhecemos: a misoginia ambivalente e a angústia da decadência - que terão encontrado em Proudhon um eco tranquilizante, uma caução filosófica e um discurso organizado e convincente.

Por um lado, os temas eróticos continuam a inscrever-se na ampla figuração decadente, servidos por um discurso que genericamente designámos por discurso da perda. Este discurso, agora, adquire uma espécie de

consciência crítica e articula-se em ideologia: trata-se de responder à angústia pela indagação racional das causas objectivas da decadência - e, quanto possível, de lhes apontar soluções. Por outro lado, consideremos que uma das pretensões do Naturalismo é a de “libertar” o homem da mulher e do sentimento amoroso. O próprio eros positivista se enraíza assim na noção da perda. A supressão da dimensão transcendente da figura feminina, a tradução da paixão pela fisiologia e a redução do eros ao instinto, acompanham a recusa da poética romântica e definem a mulher pela sua exclusiva materialidade - equivalendo à sua proscricção.

No discurso assumidamente pedagógico d' As Farpas, esta tendência manifesta-se pela abordagem de quatro temas correlativos: a educação feminina, o problema do adultério, a concupiscência do discurso eclesiástico, a influência nefasta do sentimentalismo romântico.

A languidez, a moleza, a preguiça, a debilidade, a fraqueza, a fadiga, são traços da imagem da menina lisboeta. Esta é a imagem dissolvente da feminilidade invertebrada, oposta precisamente às estruturas típicas do imaginário da virilidade - vigor, dureza, verticalidade, racionalidade, soberania. Uma virilidade física, justamente, com os seus traços solares de pureza e energia, é o que caracteriza a figura contrastiva da distante jovem anglo-saxónica: “Veja-se o andar de uma inglesa, elástico, firme, direito, sério: sente-se ali a saúde, a decisão, a coragem, a personalidade bem afirmada.” (UCA: 328)

Este regime figurativo dominado pela antítese, pela exclusão e pela disjunção - consignada no aforismo de Proudhon sobre a mulher: “courtisane ou ménagère” - constitui o núcleo duro da imaginação erótica queirosiana. De facto, assentando este regime discriminativo numa perfeita sistematização simbólica, em que os planos físico e moral se correspondem, resulta clara a construção de uma tendência racionalizante e positiva, de reforço e apologia da identidade viril - uma tendência que unirá Eça a, por exemplo, Ramalho Ortigão.

A essencial perversidade do eros, intuída muito cedo por Eça, tem agora uma explicação positivista - a



ContraNatura

tornamos reais as tuas fantasias

idealização do mal e da infracção pela criminosa poesia romântica.

A devoção religiosa, cuja iniquidade na formação feminina foi já denunciada, e que convoca, aliás, aspectos semelhantes aos do erotismo - emotividade, imaginação, irracionalidade e ociosidade - é também visada n' *As Farpas* através, por exemplo, da caricatura do "sermão obsceno" e pela intuição da recíproca contaminação entre o erotismo e o misticismo.

A questão do casamento, associada à do adultério, surge logicamente num quadro de preocupações morais dominado pela questão feminina - e tão insolúvel, parece, como esta. Numa *Farpa* datada de Outubro de 1872, Eça dedica muitas páginas à análise minuciosa do traição conjugal - a que "apenas

a revolução, pela ciência de Proudhon, começa a dar uma solução racional e positiva". De qualquer forma, a disponibilidade das mulheres para o amor - disponibilidade orgânica e cultural - constitui o principal factor do adultério. A aprendizagem exclusiva da sedução, aliada à inacção física e à desocupação intelectual, desenvolve, nestas Circes quietas e perigosamente imaginativas, as pérfidas artes de adormecer e seduzir. E se, de facto, é na moral convencional um chique ter tido amantes casadas, e o sedutor se torna mais sedutor pela sua auréola perfumada, o autor apressa-se a declarar que, em Portugal - "Satanás anda longe". Ou seja: a virilidade não tem, para sossego dos maridos, representantes condignos em Portugal.

A visão genérica de uma cultura dominada pelo omnipresente erotismo feminino será justamente a súpula temática do opúsculo de Proudhon, publicado em 1875, *La Pornocratie ou Les Femmes dans les Temps Modernes*. A aliança da misoginia à reflexão política e social, no intuito justiceiro de farpear a tolice - com o seu "Proudhon mal lido debaixo do braço" - antecipa-se nestas *Farpas* de Eça. A sua exuberância e simetria simbólica, o reportório figurativo que mobiliza, revelarão o prodigioso efeito seminal da leitura do filósofo, e constituirão uma chave interpretativa que a leitura da ficção de Eça de Queirós não pode dispensar.

No entanto, duas questões ficaram por responder: - pela ciência de Proudhon, qual é a solução "racional e positiva" para o adultério? E, se o adultério acontecer e for descoberto pelo marido, como pode este reagir-lhe? A resposta à primeira pergunta é simples: "Colocar a mulher nas ocupações da família, eis o que achamos de mais genérico para evitar a dissolução do casamento" (UCA:401) A actividade, mesmo lúdica, deserotiza a mulher, é um antídoto da idealização: "Toda a mulher que se não cansa, idealiza." (UCA: 397)

Em todo o caso, ao desprevenido marido, resta a reacção mais conforme ao seu temperamento: "Todos estes infelizes se desesperaram; mas - com a lógica do seu carácter - o bárbaro generoso mata, o civilizado infame faz assinar a letra." (UCA: 392). Apraz-nos observar, nas várias representações de maridos enganados de Eça, a hegemonia absoluta de "civilizados infames". Em suma: no adultério em Portugal, à inferioridade do sedutor e à debilidade da seduzida, corresponde a frouxidão do ofendido.

4. Pelo menos durante os quinze anos seguintes às *Farpas*, praticamente todo o discurso não-ficcional de Eça reitera, especifica e dilata as teses de 1871, e as subsequentes aplicações nos dois romances que entretanto publica: *O Crime do Padre Amaro* (1875 e 1880) e *O Primo Bazílio* (1878). Da mesma forma, falando sobre o seu próprio casamento, em 1885, Eça não resiste a normalizá-lo ideologicamente, colocando-o sob o signo anti-romanesco do amor-amizade.

A partir de 1872, o discurso crítico firma-se na opção ideológico-estética do Realismo-Positivismo, estabelecendo-o como um discurso da verdade - iluminador, justiceiro e redentor. Trata-se agora de entranhadamente investir o



DESDE
1993

ContraNatura

tornamos reais as tuas fantasias

discurso literário de um mandato cívico: o de coadjuvar a Revolução - tudo revelar, para tudo mudar. E este tudo insidiosamente se especializa na verdadedo sexo, uma verdade que o idealismo mascarou de sublimidade. Por outro lado, sendo o novo movimento progressivamente revestido dos valores fulgurantes da virilidade vigorosa, é, assim, perfeita a simetria com a feminizante e corruptora decadência literária, cuja temática amorosa, num curioso processo de denegação, exaspera sempre Eça de Queirós.

Um tema tipicamente naturalista, a dominação do padre na família pela sua influência na mulher, surge nas suas crónicas de Londres, em Julho de 1877. Suscitado igualmente pela recensão literária, é particularmente revelador o juízo de Eça de Queirós sobre uma obra de divulgação de métodos anti-concepcionais: "um manual cómodo e à mão de desmoralização e de deboche." (4 de Julho de 1877, CICL: 234)

A persistente tendência misógina; esta terminante condenação do amor não procriativo; as referências algo galhofeiras às criadas chantagistas londrinas e ao escândalo da prostituição; duas alusões jocosas (uma das quais bastante desenvolvida) ao lesbianismo - compõem, nestes textos jornalísticos, uma atitude de distância simultaneamente folgazã e moralista em relação ao prazer e à irregularidade erótica, inconsequentes mas sintomáticas anedotas de um quotidiano pré-catastrófico.

A novidade é que este quotidiano seja o de uma Inglaterra que Eça, agora, sente conhecer do interior - tal como no tempo em que, falando de Lisboa, se dirigia aos seus leitores do Distrito de Évora. É agora Londres a cidade em véspera de catástrofe. Mesmo a mulher inglesa também desgosta Eça de Queirós, justamente pelo excesso daquela qualidade que, n' As Farpas, o atraía - a virilidade:

Basta observar um pouco as maneiras da inglesa moderna para se ver que ela poderá ser tudo - uma hábil cavaleira, uma excelente atiradora à pistola, um óptimo companheiro de viagem, um atrevido parceiro para uma partida de bacarat - tudo, menos uma esposa e uma mãe. (1 de Agosto de 1877, CICL: 248)

A tendência para a dissociação entre o prazer e a família, a emancipação institucional do prazer (os quais estiveram provavelmente na raiz da feroz condenação, por Eça, dos meios contraceptivos), que, para o autor, a mulher inglesa agora prefigura, torna-o aqui um crítico violento do vigor e da excessiva afirmatividade feminina - a desordem erótica da mulher é meio caminho andado para a catástrofe moral inglesa.

Quando, nos Ecos de Paris, em 6 de Junho de 1880, a propósito da morte súbita de Flaubert (que ocorrera cerca de um mês antes), Eça de Queirós comenta Madame Bovary, é para sublinhar ainda esta identificação entre a decadência e o essencial desequilíbrio do eros feminino. E, da mesma forma, quando define o projecto de L' Education Sentimentale, é fácil ler nesta

representação uma projecção ideológica clara, encontrando numa geral síndrome feminizante da cultura pós-romântica a causa central de todas as instabilidades da vida social. (cf. CP:16)

A representação de uma actualidade em decomposição, dominada por uma sensualidade desorganizada, terá, num efeito de contraponto que já conhecemos, reconvocato em Eça a nostalgia de uma ordem ideal e de uma harmonia superior, valores cuja rarefacção conceptual seja uma forma de pureza. E, por outro lado, o apego desiludido aos valores simples e humanos, como a solidariedade.

Um agape democrático - eis a forma sucedânea, na sua última década de vida, desse amor natural, suavemente abençoado por Deus nas noites de S. João, evocada trinta anos antes. E o louvor irónico-lírico da



ContraNatura

tornamos reais as tuas fantasias

doce atmosfera do sul - aqui, como já o fora no Distrito de Évora - pode igualmente integrar-se no esquema ascensional desta nostalgia da brandura, regida por uma instância superior e benfazeja.

Esta tendência refruente da sua última fase determina, também, a evocação cada vez mais insistente dos primeiros românticos, e dos valores da naturalidade e simplicidade artísticas. Não se estranha portanto que, chegado o momento crepuscular do Naturalismo, Eça de Queirós possa, com desenvoltura, reconhecer em “Positivismo e Idealismo” que, provavelmente, o romance experimental nunca existiu. E, mais uma vez, as novas formas - já não as do decadentismo, mas do idealismo - primam pela irregularidade. Agora que a alma está na moda, a poesia e as artes plásticas diluem a representação da realidade física, esbatendo-lhe a consistência. Ou seja: mais uma vez, para Eça, a nova arte comunga do crepúsculo e do caos: os traços que ela privilegia, os do incorpóreo, resolvem-se numa global representação do inorgânico.

A representação marcadamente virilizante do Positivismo-Razão vai adensar-se, sublinhando por contraste o cariz feminizante do polo oposto, o do Idealismo-Imaginação. A este regime exclusivo da oposição e da disjunção dos dois elementos, seguir-se-á agora, segundo Eça, uma espécie de conjunção alternada e regimental, que não parecerá deslocado designar por adultério ideal:

A causa é patente, está toda no modo brutal e rigoroso com que o positivismo científico tratou a imaginação, que é uma tão inseparável e legítima companheira do homem como a razão. O homem de todos os tempos tem tido (se me permitem renovar essa alegoria neoplatónica) duas esposas, que são ambas cimentadas e exigentes, o arrastam cada uma, com lutas por vezes trágicas e por vezes cómicas, para o seu leito particular (...) O positivismo científico, porém, considerou a imaginação como uma concubina comprometedora, de quemurgia separar o homem; - e, apenas se apossou dele, expulsou duramente a pobre e gentil imaginação, fechou o o homem num laboratório a sós com a sua esposa clara e fria, a razão. O resultado foi que o

homem recomeçou a aborrecer-se monumentalmente e a suspirar por aquela outra companheira tão alegre, tão inventiva, tão cheia de graça e de luminosos ímpetos, que de longe lhe acenava ainda, lhe apontava para os céus da poesia e da metafísica, onde ambos tinham tentado voos tão deslumbrantes. (NC: 193)

Afinal, para Eça de Queirós, não foi sempre a tendência idealizadora a causa magna do adultério?

A reconciliação simbólica com a feminilidade, resolvendo essa “mésalliance” defensiva e ambígua, consuma-se, num texto de 1898, significativamente dedicado à Rainha D. Amélia, pela glorificação explícita de um ideal feminino.

5. O resgate do feminino e a sua integração na consciência terá determinado, assim, o sentido e a evolução final do imaginário de Eça de Queirós. A busca desse equilíbrio simbólico tem uma dimensão simultaneamente ideológica, afectiva, literária e cultural. De facto, não é claramente esse desequilíbrio a “enfermidade incurável” do século, representada por uma Emma Bovary, ansiando por alguma coisa de melhor, oscilando entre a volúpia de Deus e a da carne, e sofrendo desse “conflito do ideal e do real” - dessa luta entre a imaginação e a razão?

A novidade da imagem que representa a mente humana como um homem com um ménage à trois, reside no facto de que, agora, se trata de um homem, e não de uma mulher adúltera. E esta substituição revela a extensão de uma síndrome “Madame Bovary, c’est moi” queirosiana: - a desordem romântica feminina é a projecção queirosiana, porventura crónica e ocidental, certamente oitocentista, de uma estrutura simbólica antitética bi-sexual, bi-polar, que encontra no campo do eros o ponto nevrálgico do seu desequilíbrio constitutivo. Segredo muito bem guardado, este, por uma defesa cerrada e vigilante. Será este o significado oculto do incesto fraternal d’ Os Maias?



ContraNatura

tornamos reais as tuas fantasias

Na imagem platónica, a fantasia e a razão - a forma e a ideia - buscam um equilíbrio que só se entrevê na Arte. Dessa forma, a reabilitação do sublime é, significativamente, servida pela figura reabilitada do adultério. Representação de uma mistificação sublimadora do real, esse adultério imaginário mais não constitui, afinal, do que a natureza e o sentido da Arte. O eros queirosiano é assim uma busca desenganada da totalidade - que só a contrafacção artística pode mimetizar.

Creio que a elevadíssima produtividade do esquema de motivos e valores organicamente ancorados ao campo simbólico do erotismo, precocemente fixados no discurso de Eça de Queirós, e segregando um discurso ideologicamente determinável - pôde encontrar, no matiz calculadamente espontâneo, nessa coloquialidade sofisticada dos discursos não-ficcionais, uma intimidade particular.

Deste modo se reata a afinidade orgânica entre a problemática da criação estética e a ambivalência profunda do eros. Preservada na sublimação estética, a substância sensual da beleza só encontra memória no manto diáfano da forma. A qualidade intrinsecamente erótica do Belo encontra afinal uma forma sinuosa de se perpetuar pecaminosamente, através desse “espectáculo dos ardores, exigências e perversões físicas”, que Machado de Assis verbera em Eça.

E, entre a matéria e a ideia, essa “vocaçã sensual” da escrita queirosiana pode representar, contida e ordenada pelas regras da objectividade e da verosimilhança literárias, a memória do prazer.

Referências Bibliográficas

À excepção dos textos da Revista de Portugal, todas as referências das obras de Eça reenviam à edição Livros do Brasil. É a seguinte a chave da notação adoptada:

C - Correspondência

CDE - Colaboração n' O Distrito de Évora

CICL - Cartas de Inglaterra e Crónicas de Londres

COE - Cartas e Outros Escritos

CP - Cartas de Paris

NC - Notas Contemporâneas

UCA - Uma Campanha Alegre

TI - Textos de Imprensa VI (da Revista de Portugal), Edição Crítica das Obras de Eça de Queirós, edição de Maria Helena Santana, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 1995



DESDE
1993

ContraNatura

tornamos reais as tuas fantasias